

# Sentidos de trabalho reprodutivo: mães na pandemia e o funcionamento do pré- construído

Bruna Vitória Tejada \*

<https://orcid.org/0000-0002-1194-2402>

Luciana Iost Vinhas \*\*

<https://orcid.org/0000-0003-1026-2277>

**Resumo:** Esta pesquisa, a partir dos pressupostos da Análise de Discurso Materialista e da Teoria da Reprodução Social, lança um olhar para os efeitos do momento pandêmico em sujeitos identificados como mulheres no que concerne às suas relações com o trabalho reprodutivo. Empreendemos nosso gesto de interpretação tendo como materialidade um episódio de podcast publicado nas plataformas on-line em abril de 2021. A partir das noções de pré-construído (Pêcheux, 1997) e de excesso (Ernst, 2009), pudemos observar os efeitos do trabalho reprodutivo no processo de subjetivação das mulheres, mobilizando a discussão acerca da relação entre trabalho e processo de interpelação ideológica.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso. Gênero. Trabalho reprodutivo. Pandemia.

## Meanings of reproductive labor: mothers during the pandemic and the functioning of the pre-constructed

**Abstract:** This research, based on the assumptions of the Materialist Discourse Analysis and the Social Reproduction Theory, examines the effects of the pandemic on subjects identified as women concerning their relationships with the reproductive labor. We undertook our interpretative gesture using the materiality of a podcast episode published on online platforms in April 2021. By employing the notions of pre-constructed (Pêcheux, 1997) and excess (Ernst, 2009), we were able to observe the effects of the reproductive labor on the subjectivation process of women, engaging in a discussion about the relationship between work and the process of ideological interpellation.

**Keywords:** Discourse Analysis. Gender. Reproductive labor. Pandemic.

\* Universidade Federal de Pelotas. Doutoranda e Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPEL. Professora de Língua Portuguesa na educação básica. E-mail: [brunaatejada@gmail.com](mailto:brunaatejada@gmail.com).

\*\* Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFRGS, docente dos Programas de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade Federal de Pelotas. Líder do Ordinário do Sentido e Resistência (OuSaR). Estágio de Pós-Doutorado na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: [lucianavinhas@gmail.com](mailto:lucianavinhas@gmail.com).



## Sens du travail reproductif : mères pendant la pandémie et le fonctionnement du pré-construit

**Résumé:** Cette recherche, fondée sur les postulats de l'Analyse de Discours Matérialiste et de la Théorie de la Reproduction Sociale, examine les effets du moment pandémique sur des sujets identifiés comme des femmes en ce qui concerne leurs relations avec le travail reproductif. Nous avons entrepris notre geste d'interprétation en utilisant comme matérialité un épisode de podcast publié sur des plateformes en ligne en avril 2021. À partir des notions de pré-construit (Pêcheux, 1997) et d'excès (Ernst, 2009), nous avons pu observer les effets du travail reproductif sur le processus de subjectivation des femmes, mobilisant la discussion autour de la relation entre travail et processus d'interpellation idéologique.

**Mots-clés:** Analyse de Discours. Genre. Travail reproductif. Pandémie.

### Situando a discussão: a pandemia e o trabalho reprodutivo em foco

A crise sanitária mundial que ocorreu entre 2020 e 2023 inflamou discussões sobre diversas questões econômicas e sociais. Como defendem as professoras Débora Diniz e Monica de Bolle (2020), “a pandemia tem gênero, raça e classe. O humano fragilizado e vulnerável ao vírus não é um corpo sem um regime classificatório prévio”<sup>1</sup>. Em meio à disputa de sentidos sobre o coronavírus, que, de um lado, era significado como um vírus mortal e, de outro, como o vírus que provocava uma “gripezinha”, pudemos observar a circulação de uma rede de sentidos que retratavam as mulheres como os sujeitos mais afetados pela pandemia<sup>2</sup>.

Sob isolamento físico, sem rede de apoio, com redução de salário, em *home office* ou desempregadas, as mulheres, que já ocupavam a maioria dos serviços precarizados e mal remunerados que envolvem o trabalho reprodutivo, tiveram suas relações de trabalho diretamente afetadas pela pandemia. Esse cenário trouxe questionamentos

---

<sup>1</sup> A palestra intitulada “As Mulheres na Pandemia e a Economia do Cuidado”, realizada pelas pesquisadoras Monica de Bolle e Debora Diniz”, ocorreu em 04 de agosto de 2020 e estava disponível no canal de Monica de Bolle no Youtube, mas, na ocasião de escrita deste texto, o vídeo da palestra não existia mais, o que nos impede de divulgá-lo.

<sup>2</sup> Existem diversas reportagens sobre esse tema, entre as quais destacam-se: a matéria publicada no site da Câmara dos Deputados, intitulada “Mulheres são mais afetadas por crise econômica provocada pela Covid-19”, disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/681393-mulheres-sao-mais-afetadas-por-crise-economica-provocada-pela-covid-19/> (acesso em 4 de dezembro de 2024); e a matéria “Mulheres foram mais afetadas emocionalmente pela pandemia”. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/mulheres-foram-mais-afetadas-emocionalmente-pela-pandemia/>. Acesso em: 4 dez. 2024.

como: por que as mulheres constituem o grupo mais afetado pela pandemia?; como isso é formulado pelas mulheres?; o que elas estão fazendo em relação a isso?; como a pandemia pode acentuar as desigualdades de gênero?

De modo geral, pesquisadores da área da história, sociologia e antropologia sinalizam o trabalho reprodutivo não remunerado como o grande responsável pelos prejuízos sociais, econômicos e emocionais das mulheres durante a crise sanitária. De nossa parte, em filiação à teoria materialista dos processos discursivos, propomos uma aproximação com a Teoria da Reprodução Social para pensar sobre o funcionamento da ideologia na reprodução social, que é organizada por relações de opressão e exploração, e, então, lançamos um olhar para os efeitos do momento pandêmico nas relações das mulheres com suas práticas voltadas para o trabalho de reprodução social.

Dentre as teorias feministas, justificamos a escolha da Teoria da Reprodução Social como aporte teórico pelas seguintes razões: seu vínculo ao materialismo histórico, seu resgate das categorias marxianas e seu entendimento da formação social a partir de uma perspectiva unitária. Embora o trabalho reprodutivo não se limite ao trabalho doméstico e de cuidado executado pelas mulheres de modo não remunerado em suas casas, nesse texto, trabalharemos com esse recorte em razão da materialidade que será analisada.

Redigimos este artigo organizando-o em duas seções. Na primeira, apresentamos um resgate teórico de noções caras à Teoria da Reprodução Social (TRS), como totalidade social, trabalho reprodutivo e força de trabalho, que fornecem sustentação à nossa articulação. Na segunda, realizamos nosso gesto de análise tendo como materialidade um episódio do podcast Tetas na Mesa lançado em 14 de abril de 2021<sup>3</sup>, quando trabalhamos os elementos teórico-analíticos da Análise de Discurso Materialista (AD). Encerramos o texto abordando algumas considerações possíveis acerca dos efeitos do trabalho reprodutivo no processo de subjetivação das mulheres.

---

<sup>3</sup> O episódio está disponível em: <https://opodcastedelas.com.br/2021/04/tetas-na-mesa-6i-e-as-mais-fudidas-na-pandemia-sao/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

## O trabalho reprodutivo a partir da Teoria da Reprodução Social

Iniciamos nossa incursão pelos estudos da Teoria da Reprodução Social a partir de *Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária* (Vogel, 2022), visto que é desta obra em diante que se começam a delinear as bases para uma teoria unitária da reprodução social no modo de produção capitalista, a partir de um retorno crítico ao Capital. Adotamos a perspectiva iniciada por Vogel (2022), pois, partindo-se de uma teoria unitária da totalidade social, os processos de produção do capital e os processos de reprodução social não podem mais ser pensados separadamente.

Essa teoria unitária que, hoje, conforma o campo da TRS, resgata a noção marxiana de totalidade social (Marx, 2011) para abarcar as múltiplas determinações que constituem as relações de exploração e opressão em nossa formação social. Ruas e Alencar (2021, p. 320) explicam que:

[...] a noção marxiana de totalidade social nos permite compreender que o capital é uma relação social na qual o modo de produção da vida está subordinado ao seu incontrolável impulso pela valorização do valor que tenta a todo custo mercantilizar tudo e todos, expropriando e subsumindo corpos e mentes à sua racionalidade própria (RUAS, 2020a). Neste sentido, enquanto totalidade social, as formas de subsunção do trabalho ao capital estão completamente imbricadas nas formas capitalistas de Estado: enquanto relação social específica, o capital produz o tipo de vida que lhe é necessária – rebaixada, autodestrutiva –, e esse produzir possui um modo de controle social específico e histórico, que, no âmbito do Estado, opera através de políticas sociais e criminais, em uma relação na qual ambas são faces da mesma moeda.

Investigar a totalidade social implica considerar as relações de expropriação, exploração, alienação e opressão que constituem o modo de produção a partir do método dialético, que pressupõe a existência da contradição. Desse modo, a análise da realidade concreta não pode se dar a partir do exame de uma soma de fatores, mas deve partir do reconhecimento das diferenças que compõem o todo social complexo e da análise de suas sobredeterminações, distanciando-se da perspectiva dualista, que imperava nos estudos feministas socialistas<sup>4</sup>. Para essa perspectiva, o capitalismo e o patriarcado eram considerados sistemas distintos e buscavam hierarquizar suas relações

---

<sup>4</sup> Sobre isso ver Vogel (2022).

de classe e gênero. Há, também, a perspectiva dos sistemas triplos, que adicionava ao debate o elemento racial.

Na TRS, analisar as relações sociais modeladas pelo modo de produção capitalista não significa analisar classe + gênero + raça como uma soma ou uma combinação, mas sim observar como esses elementos participam da totalidade social complexa que constitui a formação social, constituindo-se, determinando-se e sobredeterminando-se. Nos estudos marxistas sobre a opressão das mulheres, a partir da teoria unitária, buscase desfazer a ideia de classe trabalhadora ou de proletariado enquanto massa homogênea envolvida no trabalho produtivo de produção de mercadorias, romper com a tradição que compreende a opressão das mulheres como um aditivo marginal à teoria marxista e investigar o trabalho de reprodução da força de trabalho como um elemento fundamental à reprodução do modo de produção capitalista.

A TRS é compreendida como uma teoria materialista dialética de investigação da relação entre produção e reprodução no modo de produção capitalista. Seu interesse de pesquisa está na produção social, diária e geracional do trabalhador. A partir da TRS é possível questionar:

Se o trabalho dos trabalhadores produz toda a riqueza da sociedade, então quem produz o trabalhador<sup>5</sup>? Em outras palavras: quais processos permitem que a trabalhadora chegue às portas de seu local de trabalho todos os dias para produzir a riqueza da sociedade? Qual o papel do café da manhã em sua prontidão para o trabalho? E a relevância de uma boa noite de sono? Entramos em águas ainda mais turvas se estendermos as perguntas para incluir processos que se dão fora da casa dessa trabalhadora. A educação que recebeu na escola também não a “produz”, uma vez que a torna empregável? E o sistema de transporte público que a leva para o trabalho, ou os parques públicos e bibliotecas que oferecem lazer a fim de que ela possa se sentir revigorada para retornar ao emprego? (Bhattacharya, 2023, p. 18).

O trabalho de reprodução social, ou trabalho reprodutivo, geralmente precarizado e invisibilizado, assegura a reprodução diária e geracional da força de trabalho, provendo-lhe das capacidades necessárias à reprodução do modo de produção. Suas atividades podem ser realizadas de modo remunerado ou não remunerado e abrangem desde os cuidados básicos biológicos com os trabalhadores ou futuros trabalhadores, garantindo-lhes boa alimentação, habitação e higiene, até o sustento de

---

<sup>5</sup> A variação de gênero nas orações subsequentes está presente na tradução da obra.

necessidades do âmbito social e psíquico, como educação, lazer e estabelecimento de laços afetivos. Em nossa formação social, as mulheres são as principais responsáveis por esse trabalho de reprodução da vida.

Por seu caráter feminista, antirracista e anticapitalista, a TRS destaca-se como uma teoria de grande potencial revolucionário. Diante da emergência do neoliberalismo e do conservadorismo das últimas décadas, que impõe uma precarização cada vez mais acentuada das condições de vida, a TRS ganha a agenda dos debates teóricos sobre as relações sociais espalhando-se, também, para os espaços de ativismo. Ruas (2020) elenca seis contribuições da TRS para o debate sobre a totalidade.

A primeira consiste no fato de que a TRS põe em evidência a força de trabalho como o elemento que move o capitalismo. Com isso, coloca-se no centro da discussão elementos como gênero, raça e territorialidade, reconhecendo-se que a força de trabalho está imbricada nessas relações complexas, bem como os processos de geração e manutenção dessa força de trabalho. Sua segunda contribuição consiste no fato de que, por estender a discussão sobre o trabalho e destacar a relação existente entre trabalho produtivo e reprodutivo, a categoria “classe trabalhadora” é expandida, abrangendo os sujeitos envolvidos em ambos processos. O seu terceiro ponto de contribuição deve-se ao seu trabalho em evidenciar que, no modo de produção capitalista, a reprodução da vida é sempre subordinada à produção de lucro. A partir disso, a TRS defende que é necessário considerar os processos de reprodução social em sua determinação pela luta de classes, que muitas vezes eleva a qualidade desses processos. Esse seria seu quarto ponto de contribuição.

O quinto ponto consiste na compreensão de que a classe trabalhadora não consiste em um todo homogêneo produzido pelos mesmos processos, de modo que se abre espaço para considerar a força de trabalho em sua subjetividade, atentando para os diversos aspectos de sua vida, que envolvem saúde, segurança, lazer, transporte e alimentação. Por fim, a última contribuição da TRS elencada pela autora deve-se ao seu entendimento das relações econômicas e sociais como inseparáveis, isto é, como elementos de uma totalidade, o que permite uma análise mais complexa dos múltiplos elementos do todo social.

Na apresentação da versão em língua portuguesa do livro de Vogel (2022), as tradutoras examinam o processo de formação da reflexão sobre as relações de exploração e opressão pelo gênero e pela raça em território brasileiro e explicam que:

No Brasil, de um modo geral, a constituição de uma reflexão sobre as relações racial-generificadas de exploração, opressão e dominação não foi resultado de um debate teórico publicado e lido amplamente nos meios nacionais ou em grupos de intelectuais e militantes. Ao contrário, é fruto de uma prática de resistência oral, corporal e comunitária cotidiana à experiência colonial, imperialista e à organização do capitalismo dependente. Essa práxis negra e originária, que em si identifica e explicita a unidade dessas relações, conforma a insubordinação e luta ancestral do nosso povo e se revela profundamente organizada por mulheres (Rocha *et al*, 2022, p. 18).

Nos quilombos e nas aldeias indígenas, as mulheres experimentavam uma organização social que não era feudalista, tampouco capitalista. Nesse modo de produção, a terra e a reprodução não estavam a serviço dos senhores e os cuidados com as crianças eram coletivos<sup>6</sup>, de modo que prevalecia o senso de comunidade e do bem viver. Nesse tipo de organização social, as sementes da reflexão sobre gênero e raça e a insubordinação aos pressupostos colonizadores e capitalistas são semeadas por mulheres negras e indígenas e regadas por suas descendentes.

Com a abolição da escravização de pessoas negras e com a imigração em massa de trabalhadores europeus, observa-se em solo brasileiro a adoção de práticas decorrentes da organização sindical e partidária dos trabalhadores, bem como uma divisão racial entre a classe trabalhadora. A criação do Partido Comunista do Brasil é entendida como o embrião do campo feminista-socialista no país; destaca-se sua movimentação a favor do sufrágio feminino e da concessão de direitos trabalhistas às mulheres.

No âmbito acadêmico, em *A mulher na sociedade de classes*, a feminista brasileira Heleieth Saffioti (1976)<sup>7</sup> apresenta um relato detalhado acerca da condição das mulheres brasileiras em diferentes períodos de nossa formação social, compreendendo desde o

---

<sup>6</sup> Essas práticas de cuidado coletivas movidas por laços de solidariedade ainda hoje são observadas nas redes de apoio de mulheres mães, geralmente formadas majoritariamente por outras mulheres: mães, avós, tias, irmãs.

<sup>7</sup> Embora a autora esteja inserida em uma perspectiva epistemológica diferente devido à sua filiação aos estudos luckasianos e trabalhe com o conceito de patriarcado, cabe trazer suas considerações sobre a constituição da formação social brasileira, porque entendemos que ela contribui para a nossa discussão.

período colonial até a década de 1970, permitindo-nos, ainda, pensar suas particularidades em relação à situação das mulheres em países desenvolvidos.

Saffioti (1976, p. 76) ressalta que o processo de colonização brasileira teve por objetivo estabelecer uma economia colonial dependente que servisse aos interesses do capitalismo europeu de modo que

A história da economia brasileira é a história de uma constante e renovada rearticulação no sistema capitalista internacional, no qual sempre coube ao Brasil, por força da divisão do trabalho entre as nações, a posição de uma peça auxiliar da engrenagem de um sistema autopropulsor.

Desse modo, a territorialidade apresenta-se como um elemento importante na reflexão sobre a força de trabalho, visto que os trabalhadores e as trabalhadoras do sul global sofrem os efeitos da superexploração característica das economias dependentes, historicamente espoliadas pelos centros imperialistas.

A autora aponta o caráter subsidiário do trabalho realizado por mulheres, bem como sua marginalização no trabalho produtivo, como um efeito econômico/moral de um sistema que coloca o equilíbrio familiar, aí incluídas as tarefas domésticas, os cuidados com as pessoas e a socialização das crianças, ou seja, a reprodução da força de trabalho, como prioridade para as mulheres. Para mantê-las marginalizadas e mal remuneradas, apela-se ao papel tradicional da mulher bem como a um essencialismo que as coloca como seres instáveis e de capacidade física e mental reduzida em comparação aos homens, seres lógicos e racionais.

Antes de avançarmos para a próxima seção, na qual construímos nosso gesto de análise, é necessário retomar algumas designações que apareceram ao longo de nossa incursão pela TRS para referir esse processo amplo e complexo de reprodução da força de trabalho, tais como trabalho de reprodução social, trabalho reprodutivo, trabalho doméstico e trabalho de cuidado. Moraes, Roncato e Borrego (2023, p. 32) sintetizam de modo bastante elucidativo as diferenças entre essas designações a partir da perspectiva da TRS:

Em nossa perspectiva, o trabalho da reprodução social não é sinônimo, nem somatória, de trabalho doméstico e / ou de cuidados. Ele é mais abrangente e mais complexo, na medida em que articula organicamente, em nível individual, doméstico, familiar, comunitário, público e social diversos tipos de trabalhos, remunerados ou não, que permitem a reprodução de nossas vidas cotidianas, bem como a reprodução geracional. Em termos de níveis de análise / abstração

é uma noção mais próxima, porém diferenciada, da visão de reprodução social do sistema capitalista enquanto totalidade desenvolvida por Marx. Desse modo, o trabalho doméstico e / ou de cuidados podem ser analisados como expressões concretas do trabalho de reprodução social.

A associação feita entre trabalho reprodutivo e trabalho doméstico ou de cuidado, como se fossem sinônimos, decorre do fato de que a maioria das atividades regeneradoras da força de trabalho requerem processos de cuidado e a realização dos serviços executados no lar. A partir da TRS entende-se o trabalho de reprodução social ou trabalho reprodutivo em uma ampla dimensão que envolve o trabalho emocional, intelectual e manual remunerado ou não remunerado de geração e manutenção da força de trabalho essencial para o trabalho produtivo.

O trabalho de reprodução social pode organizar-se na unidade familiar (trabalho doméstico remunerado ou não remunerado) ou fora dela (através de creches, escolas, hospitais, asilos, entre outros) e pode ser criador de valor de uso (trabalho improdutivo) ou valor de troca (trabalho produtivo), por exemplo, a preparação de alimentos pode se dar no âmbito do lar ou em uma rede de restaurantes gerando mais valia. Assim, todo trabalho doméstico e de cuidado é trabalho reprodutivo, mas nem todo trabalho reprodutivo é trabalho doméstico ou de cuidado.

### **Um gesto de análise: a construção de um pré-construído**

O episódio que faz parte de nosso *corpus* é o episódio número 61 do podcast Tetas na Mesa e foi lançado em 14 de abril de 2021<sup>8</sup>, treze meses após a declaração da Organização Mundial da Saúde afirmando que a contaminação pelo novo coronavírus configurava uma pandemia<sup>9</sup>. Tal podcast está disponível na plataforma do Spotify e

---

<sup>8</sup> Embora os discursos sobre as mulheres fossem numerosos, a circulação de discursos das mulheres era restrita. Seus relatos frequentemente eram filtrados por narrativas midiáticas, médicas ou científicas, repletas de edições, o que não se alinhava com a proposta de nossa pesquisa que tem por objetivo refletir sobre o processo de subjetivação das mulheres atravessado pelo cuidado. Por isso, buscamos materiais que permitissem observar os discursos *das* mulheres, em vez de discursos *sobre* as mulheres. Para a distinção entre discurso *de* e discurso *sobre*, consulte Indursky (1999).

<sup>9</sup> Informações disponíveis em <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 27 nov. 2023.

Deezer, entre outros tocadores, e é produzido por três mulheres, Érica Ramirez, Thaís Habka e Mari Batisteli. Para a gravação do episódio que compõe nosso *corpus*, foram convidadas Juliana Mariz e Lia Abbud do portal Fatigatis, que está descontinuado, mas que produzia conteúdos sobre exaustão materna.

O episódio analisado foi intitulado *E as mais fudidas na pandemia são...*, sequência recortada como nossa SD<sub>1</sub><sup>10</sup>. Já no título do episódio parece haver um elemento intradiscursivo importante mobilizando sentidos, a saber, o emprego das reticências onde deveria estar expresso o sujeito sintático da oração. Embora o português falado no Brasil seja predominantemente marcado pelo uso do sujeito expreso, essa falta não nos parece da ordem de algo que deveria estar explícito, mas que por algum motivo não o foi, e sim da ordem de algo que, de tão evidente, se fez desnecessário, pois, de outro modo, poderia incorrer até mesmo em uma redundância. A partir da descrição do episódio *Se você é mãe com certeza sabe a continuação do título desse episódio. Sim, são as mães.*, recortada como a SD<sub>2</sub>, entendemos que, mesmo sem estar linearizado na sequência, as mães, o sujeito sintático do título do episódio, podem reconhecer-se na posição mencionada, visto que, *com certeza*, sentiram os efeitos da pandemia nas condições materiais de sua existência e não poderiam deixar de identificarem-se como sujeito do enunciado.

Esse lugar de “mãe na pandemia” lhes determina de tal modo que, embora não esteja linearizado no nível intradiscursivo<sup>11</sup>, irrompe no fio do discurso via interdiscurso. Sabe-se *com certeza* que, em uma pandemia que dificulta as condições de reprodução da vida, as mulheres, e principalmente as mulheres mães, serão mais afetadas, visto que costumam ser as responsáveis por cuidar dos parceiros, das crianças, dos idosos e dos enfermos, garantindo a reprodução diária e geracional da força de trabalho. Embora o sujeito sintático não esteja expreso, a sequência funciona “como se esse elemento já se encontrasse aí” (Pêcheux, 1997, p. 99), o que por vezes se assemelha ao pré-construído.

Formulada por Paul Henry (1990) para investigar o efeito de anterioridade das relativas determinativas, a noção de pré-construído foi desenvolvida por Pêcheux (1997) para explorar as relações entre língua e discurso no campo de investigação da AD. O

<sup>10</sup> Por SD, referimo-nos à sequência discursiva tal como teorizado por Courtine (2014).

<sup>11</sup> Pêcheux (1997) caracteriza o intradiscorso como o “fio do discurso” do sujeito, isto é, o intradiscorso é observado no nível da formulação do discurso.

autor caracteriza o pré-construído como o elemento do interdiscurso que “corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da ‘universalidade’” (Pêcheux, 1997, p. 164). O pré-construído corresponde, então, aos “já-ditos” que funcionam produzindo um efeito de reconhecimento, um efeito de evidência de sentido.

A elipse do sujeito nessa construção sintática, como efeito de algo que não precisa ser dito porque já se sabe como esse espaço pode e deve ser preenchido, nos faz pensar sobre o funcionamento da nomeação como uma forma de construção do pré-construído, visto que o sujeito não precisa ser nomeado para ser reconhecido. Contudo, a partir de Pêcheux (1997), entendemos que há um caráter universal nos pré-construídos, o que implica que as relações de sentido construídas via pré-construído são naturalizadas e compartilhadas socialmente, de modo que ele se apresenta acessível a diferentes formações discursivas, irrompendo no discurso à revelia do sujeito.

Isto posto, surgem dúvidas quanto à universalidade desse pré-construído. A construção do enunciado no feminino conduz a interpretação do sujeito; no entanto, devido à divisão sócio-sexo-racial do trabalho, que tem como um de seus efeitos a invisibilidade do trabalho reprodutivo, questionamos se os homens, por geralmente não estarem envolvidos com os serviços que compreendem o trabalho reprodutivo, reconheceriam as mães como as mais afetadas pela pandemia. Parece-nos que a produção de sentido que vem dessa elipse depende de uma relação entre lugar de enunciação e posição-sujeito.

A fim de desenvolver nossa proposição, recorreremos aos estudos de Zoppi-Fontana (1999, 2017) em sua investigação sobre a relação entre lugar de enunciação e o processo de interpelação-identificação ideológica. A autora retoma Michel Pêcheux em sua explanação sobre lugar discursivo e condições de produção do discurso para defender que o lugar a partir do qual um enunciado é proferido intervém diretamente nas relações de sentido. A partir desse entendimento, Zoppi-Fontana (2017) retoma a teorização de Orlandi (1999) acerca do duplo movimento do processo de interpelação ideológica e entende que esses lugares de enunciação fazem parte do processo de interpelação do indivíduo em sujeito, visto que correspondem ao momento em que, já interpelado pela ideologia, o sujeito é submetido aos processos de individuação pelo Estado e suas

instituições, afetando diferentemente os processos de identificação e subjetivação, de modo que é nesse segundo movimento que se dá a “produção e/ou interdição histórica de lugares de enunciação” (Zoppi-Fontana, 2017, p. 65-66). Assim, conforme a autora:

1- o processo de constituição do sujeito se dá pelas relações de identificação/interpelação ideológica estabelecidas com as posições de sujeito, definidas não só em relação ao domínio de saber de uma FD mas também em relação a determinados lugares de enunciação, que, por presença ou ausência, configuram um modo de dizer (sua circulação, sua legitimidade, sua organização enunciativa); 2- os lugares de enunciação devem ser considerados, dessa maneira, como uma das dimensões das posições de sujeito (Zoppi-Fontana, 1999, p. 23).

Entendemos que o lugar enunciativo de subjetivação define o “já-lá” no enunciado analisado, o que pode ser confirmado pela condicional *se você é mãe*. O sujeito do enunciado bem poderia ser “as pessoas pobres” ou “as enfermeiras”, entre outras possibilidades, e, considerando que as mulheres pretas aparecem como a parcela da população em maior vulnerabilidade social, é possível pensar que a elipse também poderia ser preenchida como “as mulheres pretas”. Assim, podemos afirmar que a elipse no enunciado retoma as mulheres mães, mas esse reconhecimento está vinculado ao lugar enunciativo referido à maternidade. Além disso, há um efeito de homogeneidade sobre as mulheres mães sobrepondo-se a algumas lacunas que devem ser preenchidas, afinal, mães com trabalho remunerado e mães sem trabalho remunerado são afetadas do mesmo modo? Os efeitos são semelhantes em mães em trabalhos valorizados e em mães em trabalhos precarizados? São os mesmos efeitos em mães brancas e pretas, pobres e ricas?

Entendemos que a pandemia mexe com a rede de sentidos em torno do trabalho reprodutivo de modo que este recebe uma maior visibilidade de diversos setores de nossa formação social e passa a ser significado até mesmo como “o trabalho essencial”<sup>12</sup>, o que sinaliza uma mudança no processo discursivo, visto que, de modo geral, as atividades que envolvem a reprodução da vida sequer são significadas como trabalho.

---

<sup>12</sup> No Maranhão e no Rio Grande do Sul, o trabalho doméstico foi considerado serviço essencial, o que manteve sua execução durante o período pandêmico. Informações disponíveis em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/25/sindicato-critica-estados-que-incluram-domesticas-em-servico-essencial-na-quarentena#:~:text=%E2%80%99CO%20osindicato%20est%C3%A1%20fechado%20temporariamente,consiguimos%20levar%20adiante%22%2C%20informa>. Acesso em: 4 dez. 2024.

Considerando essa movimentação, é possível pensar que a pandemia rompe com o eixo do repetível e possibilita a circulação de outros processos de significação. Assim, há um pré-construído em construção devido à agitação nas filiações de sentido em torno do trabalho reprodutivo, e um dos efeitos dessa agitação é justamente o reconhecimento do grau do abalo das mulheres pela sobrecarga do trabalho de reprodução social, isto é, o reconhecimento da opressão de gênero como ferramenta de exploração e reprodução do modo de produção. Reconhecimento que se dá como identificação com a formação discursiva que coloca em xeque os sentidos dominantes referentes à opressão de gênero.

Quando questionadas sobre até quando se estende a pandemia, hesitamos em responder, pois, em nosso entendimento, seus efeitos ainda retornam nos sujeitos. Embora a Organização Mundial da Saúde tenha declarado o fim da emergência sanitária referente à Covid-19 em maio de 2023, ainda não se sabe todos os efeitos provocados pela pandemia, visto que esse acontecimento ainda está em processo de significação. Em outras palavras, a pandemia continua produzindo efeitos na educação, no modo como a ciência é significada, nos índices de emprego formal e nas relações de trabalho, não há como deixar de citar a flexibilização nas leis trabalhistas e o processo de aceleração do uso das tecnologias para o home office, homeschooling e até mesmo tele-consultas como herança desse período que, até o presente, molda diversas relações de trabalho.

Como temos argumentado por meio da análise do corpus discursivo, a pandemia não produz efeitos somente no âmbito da produção, mas também no âmbito da reprodução dos sujeitos. Bhattacharya, Arruzza e Fraser (2019) já apontavam para uma crise na reprodução social como efeito de uma crise maior provocada pelo neoliberalismo que esgota não somente os sujeitos responsáveis pela reprodução social, por meio de extenuantes jornadas de trabalho mal remunerado, como também os recursos naturais dos quais a reprodução depende.

Marcada pelo fenômeno da globalização, pelo negacionismo científico, pelo antiambientalismo, pela desigualdade social e pela privatização dos recursos e serviços que garantem a reprodução social, a pandemia tem sido analisada como efeito do esgotamento do regime neoliberal, que tem por consequência a geração de novas relações de produção e reprodução discursivizadas como “o novo normal”. A pandemia pode ser pensada, então, como o “laboratório ideal”, isto é, o momento de

experimentação ideal para testar novas relações de trabalho. O “novo normal”, entretanto, não tem como prioridade facilitar a reprodução em meio à crise sanitária, mas sim buscar estratégias que assegurem a produção do mais valor, de modo que as mulheres se destacam como a força de trabalho mais prejudicada por estarem envolvidas nos trabalhos reprodutivos menos valorizados.

Entendemos que “o novo normal” compreende os diferentes processos de espacialização e temporalização colocados em circulação na pandemia, com a coincidência e disputa entre o trabalho produtivo e o trabalho reprodutivo. Quando não se manifesta desse modo, o “novo normal” se manifesta por meio de demissões e medo, medo de encontrar o vírus fora de casa, ser contaminado e morrer, bem como contaminar algum parente que pode falecer. As modificações das relações de trabalho no capitalismo neoliberal fazem com que surjam formulações que engendram novas redes de memória e novos pré-construídos, como observado na SD<sub>1</sub>. Em razão disso, entendemos que essa agitação nas relações de trabalho que envolvem a reprodução social têm efeitos na configuração dos processos de subjetivação relacionados ao trabalho e à emergência de um pré-construído por meio de novas redes de memória, caracterizando a pandemia como acontecimento discursivo.

Continuamos nosso processo de análise seguindo as orientações de Ernst (2009) para constituição do *corpus* discursivo pela analista de discurso. Segundo a autora, o *corpus* empírico deve ser observado, em um primeiro momento, considerando-se “aquilo que é dito demais, aquilo que é dito de menos e aquilo que parece não caber ser dito num dado discurso” (Ernst, 2009, p. 2), em outras palavras, o *corpus* deve ser observado a partir daquilo que se repete, que falta, ou que estranha em uma dada conjuntura. A partir desse movimento de observação inicial, o recorte do *corpus* empírico é feito e os procedimentos para análise do *corpus* discursivo poderão se desenvolver.

Logo de início, na análise do episódio do podcast, em um primeiro gesto de análise sobre o *corpus* a partir da pergunta “como as mulheres estão discursivizando o trabalho na pandemia?”, uma regularidade convoca nosso olhar: é a identificação de uma repetição nos predicativos usados pelas mulheres para se definirem: “estamos aqui mais *exaustas* que nunca” (SD<sub>3</sub>); “tô *cansada*, gente” (SD<sub>4</sub>); “a gente tá *cansada* e sabe que vai

continuar *cansada*” (SD5); “Você acorda *cansada*. Você dorme *cansada*” (SD6); “você vive aquele *cansaço*, aquela *exaustão*” (SD7) ou, em uma paráfrase, você vive *cansada*, vive *exausta*. Essa regularidade ou essa repetição presente nos enunciados das mulheres é linearizada quando abordam a intensificação do trabalho doméstico não remunerado durante a pandemia, colocando em circulação uma sobrecarga de trabalho que as exaure e as afeta física e emocionalmente, o que nos conduz a compreender a exploração do trabalho reprodutivo como mais uma forma de materialização da opressão de gênero e raça.

Isso posto, em nossa imersão, identificamos o excesso dos significantes *cansaço* e *exaustão* como predicativos da situação das mulheres durante a pandemia. Ao encontro da nossa observação, o laboratório *Think Olga*<sup>13</sup> lançou, em 2023, o relatório intitulado *Esgotadas*, que visa relatar o estado da saúde mental das mulheres brasileiras. Nele, a sobrecarga do trabalho de cuidado é apontada como um dos catalisadores dos prejuízos à saúde das mulheres, uma vez que despende uma grande quantidade de tempo e energia e, quando remunerado, geralmente padece com sub-salários. Essa regularidade nos permite observar os efeitos do trabalho e da sobrecarga de trabalho produtivo e reprodutivo no processo de subjetivação das mulheres, isto é, observamos os efeitos divisão sócio-sexo-racial do trabalho nas mulheres. Para exemplificar como funciona essa divisão do trabalho, Moraes, Roncato e Borrego (2023, p. 21) partem da seguinte situação hipotética:

Em um exercício hipotético, se falássemos para pessoas conhecidas e amigas que nosso carro quebrou e tivemos que levá-lo à oficina mecânica para conserto, e perguntássemos para elas por quem fomos atendidas, é muito provável que respondessem ter sido por um mecânico homem. Nessa mesma linha imaginativa, caso relatássemos que em nossa casa sempre teve uma pessoa que cuidou da família, lavando, cozinhando e passando para todos, e igualmente indagássemos quem seria essa pessoa, é igualmente provável que muitas pessoas respondam que tenha sido a mãe, ou uma trabalhadora doméstica mulher. Ademais, em ambos os casos – mas em outras situações também –, conseguimos atribuir não somente o gênero, mas a identidade étnico-racial das pessoas que trabalham, sejam elas assalariadas ou não. Esses vieses de gênero e preconceito não estão somente em nossas cabeças, mas se reproduzem na estrutura material da sociedade.

---

<sup>13</sup> O relatório produzido pelo laboratório está disponível em: <https://lab.thinkolga.com/esgotadas/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

A divisão sócio-sexo-racial do trabalho pode ser compreendida como uma forma de materialização da ideologia que produz as evidências para os sujeitos, de modo que todo mundo sabe quem vai ocupar que tipo de trabalho e qual será alvo de maior valor social, ou seja, será mais prestigiado. Em nossa formação social, geralmente as mulheres, e principalmente as mulheres negras, ocupam os postos de menor prestígio. Dada a invisibilização e desvalorização do trabalho reprodutivo não remunerado ou mal remunerado, por ser apartado da esfera produtiva e não produzir mais-valor, as mulheres são conduzidas à ocupação dos trabalhos nessa esfera da totalidade social.

Escolhemos trabalhar com os dizeres das mulheres e não sobre as mulheres para observar os efeitos do trabalho reprodutivo executado durante a pandemia nos processos de subjetivação destas. Mergulhamos no *corpus* a partir do excesso de enunciados que abordavam o esgotamento e a exaustão e temos entendido essa constante reiteração dos efeitos da sobrecarga do trabalho reprodutivo na pandemia como modos de o sujeito resistir diante da impossibilidade de deixar de executar o trabalho reprodutivo.

### **Efeito de encerramento**

Observamos que, no que concerne às questões de gênero, os séculos XX e XXI caracterizaram-se particularmente pela reivindicação das mulheres por uma sociedade mais igualitária. Progressivamente, as relações construídas pelo gênero passaram a ser questionadas por movimentos sociais e ativistas, os quais clamaram por atenção da Academia, que retornou com discussões e pesquisas em diversas áreas de conhecimento, tais como a área da saúde, da linguagem, das ciências sociais e das ciências humanas, fomentando o debate sobre essas construções. Embora os estudos sobre desigualdade de gênero nunca tenham sido tão numerosos, temos as mulheres como o grupo mais afetado pela crise sanitária da pandemia causada pelo novo coronavírus<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Conforme a Organização Pan-Americana de Saúde. Disponível em: [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/55557/OPSEGCCOVID-19210006\\_spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/55557/OPSEGCCOVID-19210006_spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 17 out. 2023.

Diante da opressão e exploração reproduzida pelo modo de produção e acentuada no período pandêmico, as mulheres colocam em circulação sua exaustão, como um meio de dar visibilidade à sua situação: se a pandemia confina em casa o trabalho produtivo e reprodutivo, elevando ainda as demandas desse último, aquelas que, pela divisão-sócio-sexo-racial do trabalho, são conduzidas a ocupar as demandas do trabalho reprodutivo estarão sobrecarregadas. Como as principais cuidadoras das crianças, idosos e enfermos, na condição impossível de ter de escolher entre trabalhar fora e deixar as crianças sozinhas em casa pela ausência de creches e escolas, as mulheres perdem seus empregos.

As identificações de classe, raça e gênero constituem o processo de interpelação ideológica que produz as evidências às quais o sujeito é assujeitado, de modo que este funcione por si mesmo (Pêcheux, 1997) se autorregulando a favor do Estado e reproduzindo sentidos dominantes. Essas identificações mantêm as mulheres no trabalho reprodutivo produzindo subjetivações que atendem à ideologia dominante.

Questionamos, então, como é possível resistir a esse retrocesso imposto pelas forças sociais às mulheres. Considerando que todo ritual apresenta falhas (Pêcheux, 1997), emergem gestos de resistência diante do ritual de interpelação da ideologia dominante. Nesse sentido, intentamos investigar as irrupções do que não pode e não deve ser dito pelo discurso hegemônico sobre o trabalho de reprodução da força trabalhadora, como estratégia de resistência no nível do ordinário, logo, falar, escrever, dizer a exaustão, pode ser compreendido como um gesto de resistência. No lugar do amor e da idealização, o que emerge em excesso é a exaustão e o cansaço produzidos pelo trabalho reprodutivo. Portanto, é possível resistir à ideologia dominante por meio do que é dito.

## Referências

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

BHATTACHARYA, Tithi. Teoria da Reprodução Social: remapear a classe, recentralizar a opressão. Tradução: Juliana Penna. São Paulo: Elefante, 2023.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do Discurso Político: O Discurso Comunista Endereçado aos Cristãos**. São Carlos: Edufscar, 2014.

ERNST, Aracy Graça. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: **Anais do IV SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

HENRY, Paul. Construções relativas e articulações discursivas. Tradução de João Wanderley Geraldi e Celene Margarida Cruz. **Caderno de Estudos da Linguagem**. Campinas, v. 19, s/n, p. 43-64, jul./dez. 1990.

INDURSKY, Freda ([1999] 2019). De ocupação a invasão: efeitos de sentido no discurso do/sobre o MST na imprensa. In: INDURSKY, Freda. **O discurso do/sobre o MST: Movimento Social, Sujeito, Mídia**. Campinas, SP: Pontes.

MARX, Karl **Os Grundrisse: Manuscritos Econômicos de 1857-1858: Esboços da Crítica da Economia Política**. Tradução de Mario Duayer e Nélio Schneider. Editora: Boitempo, 2011. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5668741/mod\\_resource/content/1/MARX\\_%20Grundrisse%20Manuscritos%20Econ%C3%B4micos%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5668741/mod_resource/content/1/MARX_%20Grundrisse%20Manuscritos%20Econ%C3%B4micos%20%281%29.pdf). Acesso em: 29 jun. 2022.

MORAES, Livia de Cássia Godoi; RONCATO, Mariana Shinohara; BORREGO, Arelys Esquenazi. **A revolução será feminista: aporte pra lutas estratégicas da classe trabalhadora contra o capital**. Marília: Lutas Anticapital, 2023.

ORLANDI, Eni. Do sentido na história e no simbólico. **Escritos, 4**. Campinas: LABEURB/NUDECRI - UNICAMP, 1999, P. 17 – 27.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

ROCHA, Camila Carduz [et al.]. Apresentação das tradutoras. In: **Marxismo e opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária**. Tradução de Camila Rocha et al. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

RUAS, Rhaysa Sampaio. Teoria da Reprodução Social: apontamentos para uma perspectiva unitária das relações sociais capitalistas. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, 2020, p. 379-415. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaceaju/article/view/46086>. Acesso em 18 out. 2022.

RUAS, Rhaysa Sampaio; ALENCAR, Thiago Romão de. Para uma análise inicial dos impactos do ultraneoliberalismo brasileiro sobre a reprodução social. **Revista**

**Trabalho, Política e Sociedade**, v. 6, n 10, p. 317-338, 2021. Disponível em:  
[https://www.academia.edu/110893924/Para\\_Uma\\_An%C3%A1lise\\_Inicial\\_Dos\\_Impactos\\_Do\\_Ultraneoliberalismo\\_Brasileiro\\_Sobre\\_a\\_Reprodu%C3%A7%C3%A3o\\_Social](https://www.academia.edu/110893924/Para_Uma_An%C3%A1lise_Inicial_Dos_Impactos_Do_Ultraneoliberalismo_Brasileiro_Sobre_a_Reprodu%C3%A7%C3%A3o_Social).  
Acesso em: 20 fev. 2024.

SAFIOTTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

VOGEL, Lise. **Marxismo e opressão às mulheres**: rumo a uma teoria unitária. Tradução de Camila Rocha *et al.* São Paulo: Expressão Popular, 2022.

ZOPPI-FONTANA, Mónica. Lugares de enunciação e discurso. **Leitura – Análise do Discurso**, nº 23, 1999, Maceió, p. 15 – 24.

ZOPPI-FONTANA, Mónica. Domesticar o acontecimento: metáforas e metonímias do trabalho doméstico no Brasil. In: ZOPPI-FONTANA, Monica; FERRARI, Ana. Josefina. **Mulheres em Discurso**: gênero, linguagem e ideologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 123 – 159.

Recebido em 30/09/2024.

Aprovado em 08/12/2024.